

**PARA APRENDER COM UMA MESTRA DISTANTE:
LER *EU SEI POR QUE O PÁSSARO CANTA NA GAIOLA*, DE
MAYA ANGELOU¹**

**TO LEARN WITH A DISTANT MASTER: READ *I KNOW WHY THE
CAGED BIRD SINGS*, BY MAYA ANGELOU**

**PARA APRENDER CON UNA MAESTRA DISTANTE: LEER *YO
SÉ POR QUÉ CANTA EL PÁJARO ENJAULADO*, POR MAYA
ANGELOU**

Ana Laura Godinho Lima²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4154-0858>

Resumo: Este artigo apresenta uma reflexão sobre o valor das narrativas autobiográficas para a compreensão do desenvolvimento humano, a partir do livro *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*, de Maya Angelou, em que autora apresenta as suas memórias de infância, vivida no contexto de segregação racial nos Estados Unidos na primeira metade do século XX. As considerações apresentadas buscam problematizar os discursos normativos da psicologia do desenvolvimento, desafiando o que há neles de determinismo. Sem pretender negar a importância das condições ambientais, que podem ser favoráveis ou desfavoráveis ao crescimento e à formação das pessoas, de modo que se deve buscar assegurar as melhores condições possíveis para o seu bem-estar, recusa a ideia de que não há o que esperar de bom para as crianças que tiveram um mau começo. À sua própria maneira, muitas crianças encontram modos de obter o que precisam nos ambientes onde vivem, mesmo em condições adversas, valendo-se dos recursos e das oportunidades que encontram, inclusive das relações com pessoas que se tornam significativas para elas, para resistir e viver sua própria vida.

Palavras-chave: Desenvolvimento Humano. Literatura. Autobiografia.

Abstract: This article presents a reflection on the value of autobiographical narratives for the understanding of human development, based on the book *I know why the caged bird sings*, by Maya Angelou, in which the author presents her childhood memories, lived in the context of racial segregation in the United States in the first half of the 20th century. The considerations presented seek to problematize the normative discourses of developmental psychology, challenging which seems deterministic in them. Without intending to deny the importance of environmental conditions, which can be favourable or unfavourable to the growth and training of people, nor that one should seek to guarantee the best possible conditions for their well-being, it rejects the

1 Uma primeira versão deste texto foi apresentada no Curso de Difusão Cultural “Obras literárias e seus efeitos educativos”, realizado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo no segundo semestre de 2019.

2 Universidade de São Paulo (USP). São Paulo – SP, Brasil

idea that there is nothing good to expect from kids who had a rough start. In their own way, many children find ways to get what they need in the environments where they live, even in adverse conditions, making use of the resources and opportunities they find, including relationships with people who become meaningful to them, to resist and live your own life.

Keywords: Human Development. Literature. Autobiography

Resumen: Este artículo presenta una reflexión sobre el valor de las narrativas autobiográficas para la comprensión del desarrollo humano, a partir del libro *Yo sé por qué canta el pájaro enjaulado*, de Maya Angelou, en el que la autora presenta sus recuerdos de infancia, vividos en el contexto de segregación racial en los Estados Unidos en la primera mitad del siglo XX. Las consideraciones presentadas buscan problematizar los discursos normativos de la psicología del desarrollo, cuestionando su determinismo. Sin pretender negar la importancia de las condiciones ambientales, que pueden ser favorables o desfavorables para el crecimiento y la formación de las personas, por lo que se debe buscar asegurar las mejores condiciones posibles para su bienestar, rechaza la idea de que no hay nada de bueno que esperar de los niños que empezaron mal. A su manera, muchos niños encuentran formas de obtener lo que necesitan en los entornos donde viven, incluso en condiciones adversas, haciendo uso de los recursos y oportunidades que encuentran, incluidas las relaciones con personas que les resultan significativas, para resistir y vivir su propia vida.

Palabras clave: Desarrollo Humano. Literatura. Autobiografía.

INTRODUÇÃO

O que a leitura de autobiografias pode nos ensinar sobre o desenvolvimento psicológico e a educação? Como professora de psicologia do desenvolvimento para estudantes dos cursos de pedagogia e licenciatura, tenho procurado recorrer à leitura de autobiografias em busca de inspiração. Tenho também procurado encorajar os meus alunos a lê-las ao lado dos textos teóricos que estudamos em aula, para ampliar a sua compreensão sobre os diferentes percursos de formação das pessoas. Como costumo explicar em minhas aulas, trata-se de dois modos de saber a verdade sobre o desenvolvimento humano: enquanto o estudo das teorias psicogenéticas dão acesso às verdades científicas produzidas no âmbito da disciplina acadêmica, as autobiografias permitem conhecer o desenvolvimento a partir de narrativas verdadeiras que contam o que aconteceu a uma pessoa em seu processo de crescimento.

Recorrendo aos textos de Michel Foucault (2004, 2010) sobre a análise do discurso, busco mostrar que, tanto na ciência como na literatura, aquilo a que chamamos de verdade não corresponde à límpida representação do real, mas, em vez disso, resulta de um processo de fabricação disciplinada, o que significa que a descoberta e a escrita da verdade, seja a dos cientistas, seja a dos escritores obedece a regras estabelecidas por comunidades de especialistas. Isso quer dizer que as relações entre o discurso verdadeiro e os seus objetos são complicadas pelo atravessamento da linguagem, das formas de registro dos fatos, dos protocolos de observação, das teorias e conceitos disponíveis e das formas estabelecidas da escrita, seja dos artigos científicos, seja dos textos literários.

É preciso considerar ainda que em uma autobiografia, a narrativa verdadeira elabora-se a partir da seleção das experiências vividas registradas pela memória, corresponde

àquelas que o autor escolhe contar e conta ao seu próprio modo (RODRIGUES, 2019). De maneira análoga, mesmo um tratado científico não apresenta uma descrição exaustiva dos elementos envolvidos em uma experiência ou uma situação observada, mas corresponde a uma seleção dos elementos, aqueles considerados relevantes, expostos de acordo com as regras do discurso científico de uma disciplina em particular (FOUCAULT, 2010).

Considero que as narrativas autobiográficas são preciosas para o estudo do desenvolvimento humano justamente na medida em que me permitem problematizar o discurso normativo da psicologia do desenvolvimento. Elas atestam que nem sempre, se é que alguma vez, a vida das pessoas que conseguiram sobressair em sua arte reunia as condições requeridas pela psicologia para o desenvolvimento de uma pessoa saudável, ajustada, bem sucedida e feliz. A leitura das autobiografias permite desafiar as ciências humanas, ou pelos menos o que há nelas de determinismo, seja biológico, sociológico, psicológico, psicanalítico ou qualquer outro.

Um tema que atravessa os discursos das ciências humanas, em particular da psicologia, é o do peso relativo das influências da hereditariedade e do ambiente no desenvolvimento humano, frequentemente apresentado na forma no par *nature x nurture*. No decorrer do século XIX e primeiras décadas do século XX, as ciências naturais, em especial a biologia evolutiva se tornaram o modelo para a formulação das teorias e métodos das nascentes ciências humanas: a psicologia, a sociologia, a antropologia (GOUVÊA; GERKEN, 2010). As teorias psicológicas do desenvolvimento humano endossavam a teoria biológica da recapitulação, de acordo com a qual a ontogênese reproduz a filogênese, o que significa que partilhavam a convicção de que existia uma correspondência entre desenvolvimento individual e desenvolvimento social. Assim como se comparavam indivíduos de diferentes idades, sendo a criança considerada menos desenvolvida que o adulto, comparavam-se diferentes culturas e grupos sociais, sendo os menos urbanizados e menos inseridos no mundo da ciência e da tecnologia considerados como menos desenvolvidos do que aqueles que apresentavam essas características.

Sob a influência das teorias raciais, do darwinismo social e da eugenia, educadores e psicólogos consideravam que o atraso no desenvolvimento de grupos e indivíduos devia-se principalmente à sua constituição biológica e acreditavam que as crianças negras apresentavam potencial de desenvolvimento inferior ao das crianças brancas, determinado pela sua carga hereditária, mesmo que não desprezassem inteiramente as condições de vida muito mais difíceis a que essas crianças quase sempre estavam submetidas, quando comparadas às crianças brancas. Admitia-se a influência do meio, cujas características podiam ser favoráveis ou desfavoráveis ao desenvolvimento do indivíduo mas supunha-se que essa influência era limitada, de modo que não podia sobrepujar as (in)capacidades estabelecidas pela hereditariedade (GOULD, 2003; GOUVÊA & GERKEN, 2010). Pode-se dizer que nas primeiras décadas do século XX prevaleceu a preocupação com a constituição biológica dos indivíduos e os temas da inteligência herdada, das taras hereditárias e da degenerescência.

Com o declínio do modelo teórico do evolucionismo social e mais intensamente após a Segunda Guerra Mundial, verificou-se gradativamente uma mudança de ênfase: o fator biológico perdeu força nos discursos sobre as diferenças humanas e as desigualdades e se passou a considerar a influência do meio como sendo mais decisiva, transformação que, como observou Stephen Jay Gould (2003, p.7), pode ser melhor explicada pelas circunstâncias históricas do que pelo avanço científico: “O toque de finados da eugenia norte-americana foi provocado mais pelo uso particular que Hitler fez dos argumentos então empregados para justificar a esterilização e a purificação racial, que por avanços no conhecimento genético”.

Contudo, como se sabe, isso esteve longe de significar que os negros deixaram de ser alvos do racismo nas décadas seguintes. Em vez disso, continuaram a ser objeto de desconfiança em relação à sua capacidade intelectual, moral e de liderança. Na escola, o preconceito fundado no determinismo biológico foi substituído pela sua suposta condição de carentes culturais, toda vez que sua linguagem, seus hábitos, suas crenças e suas condutas afastavam-se daquelas que caracterizavam as das pessoas brancas de classe média. Raras vezes se chegava a levar seriamente em conta o fato de que as desigualdades econômicas e sociais impediam ou dificultavam severamente às populações negras o acesso aos bens culturais e às oportunidades disponíveis aos brancos, como parte da explicação dessa suposta carência cultural.

Neste artigo, apresento algumas reflexões sobre o processo de formação da escritora norte-americana Maya Angelou, a partir da leitura do seu primeiro livro autobiográfico, *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*. Nascida nos Estados Unidos no ano de 1928, a autora viveu a sua infância no sul rural dos Estados Unidos, no contexto de segregação racial. Entre outras autobiografias, essa é especialmente propícia para criar um contraste entre as verdades produzidas pelo discurso normativo da psicologia do desenvolvimento e a verdade sobre o que se passa ao longo do processo de formação de uma pessoa. Isso porque o projeto autobiográfico da autora é motivado pelo desejo de escrever a verdade sobre o seu próprio crescimento, na medida em que, segundo ela afirma ter constatado muitas vezes, os adultos mentem para os jovens sobre o seu próprio passado.

Este artigo se organiza em cinco partes, além desta introdução. Na próxima seção, relato brevemente como travei contato com os escritos de Maya Angelou e passei a desejar conhecê-la melhor, até me decidir a escrever este texto. Depois disso, detenho-me nas descrições presentes no livro dos ambientes onde a autora e seu irmão passaram a infância, passagens nas quais sobressaem os sentimentos de deslocamento e de não pertencimento. Em seguida, retomo o tema da verdade sobre o desenvolvimento humano contida em sua obra a partir de uma outra perspectiva, recorrendo desta vez à obra *A hermenêutica do sujeito*, de Foucault. Nas considerações finais, procuro realçar aspectos da análise realizada que contribuem para desafiar o caráter normativo da psicologia do desenvolvimento e reafirmar o valor das narrativas autobiográficas para o estudo do desenvolvimento humano.

MEU ENCONTRO COM UMA MULHER SÁBIA

Descobri a existência de Maya Angelou de modo incidental, a partir de citações que passaram a figurar na minha tela, na única rede social que eu às vezes acompanho. Chamou-me a atenção a sensibilidade, a sabedoria, a perspicácia e a generosidade que se expressavam naquelas poucas linhas soltas, atribuídas a um nome do qual eu nunca ouvira falar. Querendo saber mais sobre a autora, encontrei que ela foi uma ativista do movimento negro norte-americano, ao lado de Martin Luther King e Malcolm X, e uma artista multi-talentosa que viveu nos Estados Unidos. Além de ter se sobressaído como poetisa, ela também escreveu sete livros autobiográficos, peças de teatro, foi cantora, dançarina, atriz, diretora de cinema e professora universitária prestigiada. Maya Angelou é um pseudônimo, seu nome era Marguerite Ann Johnson.

Pesquisando um pouco mais, logo deparei-me com um vídeo encantador no youtube, no qual ela declama a sua poesia *Still I rise*. Depois de vê-lo diversas vezes e encaminhá-lo a algumas pessoas queridas, procurei saber o que mais ela havia escrito. Poderia ter escolhido um livro de poesias para começar, mas a descoberta da autora me pareceu uma excelente oportunidade para retomar um projeto pessoal ao qual venho me dedicando há alguns anos, de maneira esparsa e na medida do possível: a leitura de autobiografias de escritoras que viveram o século XX. A motivação para esse projeto, como já mencionei, liga-se ao fato de que sou professora de psicologia do desenvolvimento para os cursos de licenciatura e minhas pesquisas se voltam para a história da psicologia ensinada nos cursos de formação docente no decorrer do século XX. Assim, ao lado do estudo da história da educação e do estudo das teorias psicológicas mais difundidas no campo educacional, passei a me interessar em conhecer as trajetórias de vida de mulheres notáveis que atravessaram o século XX, as quais tiveram a oportunidade de estudar e dedicaram-se a escrever as suas próprias lembranças e reflexões sobre a sua própria formação.

Essas histórias tem sido valiosas para mim de duas maneiras. Além de ampliar a minha compreensão sobre o meu tema de pesquisa e as disciplinas que leciono, reiteradamente observo que tenho muito a aprender com as reflexões dessas mulheres extraordinárias sobre as suas próprias experiências. Assim, dei início ao meu projeto pessoal, como seria de esperar, por Simone de Beauvoir, em seguida li os dois volumes da autobiografia da Doris Lessing, depois pensei que deveria ler uma brasileira e comecei por Rachel de Queiroz. Após longo intervalo conheci Maya Angelou, que escreveu nada menos do que sete livros autobiográficos. *Eu sei porque o pássaro canta na gaiola* é apenas o volume 1, de modo que ainda tenho muito mais a aprender sobre ela, com ela.

Adquiri o livro em uma tarde de sábado muito agradável, depois de um almoço entre amigas. O passeio se prolongou e eu só abri enfim o livro ao chegar em casa à noite. Eu já sabia que tinha em mãos a narrativa de uma mulher forte e encantadora, que teve um começo muito difícil. Encontrei, além disso, um modo muito próprio de pensar sobre a vida

e as relações humanas, as relações entre adultos e crianças, entre homens e mulheres e a segregação racial nos Estados Unidos dos anos 1940. Deparei-me com uma livre pensadora, corajosa para dizer a verdade, do seu próprio ponto de vista. Maya Angelou fala com honestidade sobre a intensidade dos sentimentos infantis e parece não ter perdido o contato com os desejos, medos e vergonhas vividos na infância. Expressa com nitidez o sentimento de vulnerabilidade que experimenta uma criança diante de um adulto fragilizado, especialmente quando depende desse adulto para sua própria segurança. Um exemplo do tipo de verdade que ela apresenta com naturalidade em seu livro aparece em sua afirmação sobre como as crianças percebem as pessoas idosas: “Como acontece com as crianças, eu achava que, como era muito velha, ela só tinha uma coisa a fazer, e essa coisa era morrer” (p. 188).

É o tema da verdade que eu gostaria de explorar brevemente neste texto, a partir de uma relação pontual que vou tentar estabelecer com um outro livro, *A hermenêutica do sujeito*, de Michel Foucault. Antes, contudo, de passar ao tema da verdade no livro de Maya Angelou, gostaria de registrar que foi para mim um desafio decidir-me a escrever sobre essa obra, sobre essa autora, que é uma escritora negra norte-americana. Precisei enfrentar questões como: Quem sou eu para me pronunciar sobre Maya Angelou? O que posso saber dela, como compreender as suas experiências, sendo eu uma professora universitária branca, uma mulher brasileira, uma filha da classe média? Tinha essas questões em mente quando nomeei este texto “Para aprender com uma mestra distante”. Pretendia deixar claro que me coloco na condição de aprendiz que reconhece a distância que nos separa, não apenas no tempo e no espaço, mas também no que diz respeito às experiências vividas, incluindo sobretudo o racismo, que ela sofreu na pele, e eu não. Posso dizer que fui autorizada e encorajada pela própria autora, que expressou, mais de uma vez, o desejo de se comunicar com pessoas de todos os lugares, tipos e condições sociais, ainda que pretendesse se dirigir em primeiro lugar às jovens negras, que contavam com poucas referências disponíveis sobre “como é crescer”. Em uma entrevista, ela disse, a propósito de sua autobiografia: “Estou usando a primeira pessoa do singular e tentando fazer dela a primeira pessoa do plural, de modo que qualquer pessoa possa ler a obra e dizer: ‘Hum, é verdade, sim’ e viver dentro dela. É um grande e ambicioso sonho. Mas amo essa forma de escrever” (ANGELOU, 2001, p. 225). Ela afirmou ainda que gostaria que pessoas de todo tipo e das mais diversas e distantes regiões do planeta pudessem ler o que ela escrevia e reconhecer em seus textos a verdade.

Saber disso me impressionou muito, porque foi exatamente essa a sensação que eu tive ao ler aquelas citações pela primeira vez, no primeiro contato que tive com suas frases soltas. Ali estavam enunciadas verdades, não as verdades científicas produzidas nos laboratórios ou nas universidades e discutidas nos congressos, mas as verdades humanas derivadas da experiência própria, verdades preciosas que se comunicam de uma pessoa a outra, quando há um vínculo afetivo. Ou então por meio de uma obra de arte, como esse

livro *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*, no qual a escritora alia sensibilidade e competência técnica para comunicar as suas reflexões sobre as experiências que viveu.

A literatura é também um modo de obter conhecimentos sobre o mundo e sobre nós mesmos. Maya Angelou me parece ter sido alguém que se dedicou incansavelmente a conquistar a capacidade de se comunicar de maneira humana, quero dizer, inteligente e afetiva, não apenas com as pessoas próximas, mas com todo mundo. Como lembra a apresentadora norte-americana Oprah Winfrey no Prefácio do livro, Maya Angelou costumava dizer, citando Terêncio, um ex-escravo da Roma Antiga, que se imortalizou como dramaturgo: “Eu sou um ser humano, portanto, nada de humano é estranho para mim”.

Em seu livro, Maya Angelou não apenas compartilha as experiências vividas em sua infância e adolescência, mas também expressa a sua compreensão das relações humanas e da forma que assumem em um contexto de segregação racial, marcado pela exploração brutal dos negros e das mulheres e, no seu caso, além disso pela força da religião nos costumes. Registra os efeitos disso tudo na educação das crianças negras. Ao mesmo tempo em que reconhece o peso de todas essas determinações, lança luz para as aberturas, os vãos entre as barras de raiva que formam a grade da gaiola no interior da qual elas vivem como pássaros aprisionados, que podem apenas cantar a liberdade que os pássaros em liberdade vivem, sem precisar pensar que são livres.

Entre muitas outras coisas, o livro mostra que a literatura foi para ela e o irmão uma das possibilidades de entrar em contato com o mundo exterior e começar a desfazer as amarras do preconceito racial, da tradição e da religião e, assim desafiar todas as barreiras que se interpunham entre eles e seus objetivos e pretendiam estreitar o seu destino. Maya Angelou disse, entre outras, essa verdade sobre si mesma: “Eu posso ser transformada por aquilo que me acontece, mas eu me recuso a ser reduzida ao que me aconteceu”. Seu livro *Eu sei porque o pássaro canta na gaiola* é uma biografia que desafia todos os determinismos e que, além disso, atesta o valor da literatura em uma formação.

Em sua análise do livro, Pierre Walker evidencia o modo como Maya Angelou se vale dos recursos da literatura para elaborar seu protesto político contra o racismo em *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*. Chama atenção para o modo como a autora organiza a sequência dos capítulos de maneira a evidenciar as transformações seu próprio modo de reagir ao racismo ao longo dos seus anos de formação, desde a primeira infância até a adolescência. Os episódios relatados não seguem estritamente a ordem cronológica, mas seguem uma sequência que tem como mostrar como ela passou do sentimento de raiva impotente a formas de resistência sutil para enfim se engajar no protesto ativo diante da opressão do racismo, momento que, no livro, coincide com o final dos anos 1960, no auge do movimento black power (Walker, 2021, p. 101).

Aos oito anos de idade, Maya Angelou foi estuprada pelo padrasto. Acabou delatando-o ao seu irmão. Dias depois, o agressor foi encontrado morto. Da sua perspectiva de menina, ela convenceu-se de que havia provocado a sua morte ao tê-lo acusado. Depois

disso, passou cinco anos sem falar, com medo do que suas palavras poderiam causar, considerando as palavras perigosas, mortíferas. Passou a maior parte desse período lendo muito e adquiriu uma grande capacidade de decorar poesias e longos trechos de suas leituras. Mais tarde, ela diria: “Quando eu finalmente resolvi abrir a boca, eu tinha o que dizer”. Era verdade.

UMA INFÂNCIA DESAMBIENTADA

O relato das viagens, motivadas pela mudança das crianças para a casa da avó e de volta para a mãe, são marcantes no livro, assim como a descrição dos ambientes em que elas permaneciam por certo tempo, até a próxima mudança. O lugar de residência era apresentado como sendo o lar dos responsáveis – o Mercado da avó paterna, a grande casa da avó materna, a casa da mãe, a casa do pai - e não como o próprio lar, transmitindo a impressão de que as crianças se sentiam vivendo naquele lugar, sob a responsabilidade daqueles adultos, temporariamente.

Os dois versos do poema com o qual ela inicia o livro transmitem essa sensação de estranhamento, de não pertencimento, que percorre o livro: “Por que você está me olhando?

Eu não vim para ficar...” (ANGELOU, 2018, p. 15).

A narrativa se inicia com a chegada de Maya Angelou e seu irmão à cidade de Stamps, no Arkansas, onde vivia a avó paterna. Maya tinha três anos, Bailey, quatro e estavam sozinhos. Vinham de Long Beach, na Califórnia após o divórcio dos seus pais.

O Mercado da avó, nos fundos do qual passaram a viver, correspondia ao “centro laico” da área reservada aos negros na cidade. Seu espaço e materialidade, assim como as mercadorias que abrigava, proporcionavam às crianças uma riqueza de experiências sensoriais, assim como a oportunidade de observar o duro cotidiano dos trabalhadores negros que viviam da colheita do algodão, jamais alcançando o rendimento necessário para custear sequer as despesas básicas de suas famílias. Ela também participava da vida do mercado por meio das tarefas que a avó designava a ela e a seu irmão. A autora dedica belas páginas ao ambiente do mercado, que surge em sua narrativa como um lugar mágico e vivo, que se transformava com o passar do dia e ao longo das estações:

As luzes dos lampiões no Mercado davam uma sensação de faz de conta ao nosso mundo, que me dava vontade de sussurrar e andar nas pontas dos pés. Os odores de cebola, laranja e querosene tinham ficado se misturando a noite toda e só seriam perturbados quando a ripa de madeira fosse tirada da porta e o ar da manhã abrisse caminho até os grupos de pessoas que tinham caminhado quilômetros para chegar ao ponto de coleta (p. 22).

(...)

Se os sons e cheiros da manhã tinham um toque sobrenatural, o final da tarde tinha todas as características de uma vida normal do Arkansas. Na luz do sol poente, as pessoas se arrastavam em vez de arrastarem os sacos vazios de algodão (p.22-23).

Levados de volta ao Mercado, os catadores saíam das caçambas dos caminhões e saltavam para o chão, decepcionados com a terra. Por melhor que tivesse sido a colheita, não era suficiente. O pagamento não os tirava nem da situação de dívida com a minha avó, isso sem mencionar a conta gigantesca que os esperava no mercado branco do centro (p. 23).

Outras mudanças se seguiriam. Aos oito anos, as crianças seriam levadas pelo pai para viver com a mãe em St. Louis, Missouri. Maya não considerava St. Louis como um lar, mas sim como um país estrangeiro, sentia que não estava lá para ficar. Ela e seu irmão passaram os primeiros seis meses na casa da avó materna, em seguida foram viver por algum tempo na casa em que a mãe residia com seu namorado, Sr. Freeman. Apesar de não se sentir em casa, Maya pensava que deveria ser grata por sua mãe reservar um quarto para ela e outro para o seu irmão, com uma cama e dois jogos de lençol para cada um deles. Viveram com a mãe até a brutalidade do estupro de Maya pelo Sr. Freeman, que em seguida foi morto. Pouco tempo depois, Maya e seu irmão regressaram ao Mercado da avó em Stamps. Depois do que havia sofrido em St. Louis, retornar ao marasmo de Stamps foi, em alguma medida, reconfortante para ela.

A aridez de Stamps era exatamente o que eu queria, sem percepção ou consciência. Depois de St. Louis, com o barulho e atividade, caminhões e ônibus e reuniões agitadas de família, recebi de braços abertos as vielas obscuras e bangalôs solitários no fundo de pátios sujos.

A resignação dos habitantes me encorajou a relaxar. Eles me mostraram uma satisfação baseada na crença de que mais nada aconteceria a eles, embora merecessem muito mais. A decisão deles de ficarem satisfeitos com as injustiças da vida era uma lição para mim. Ao entrar em Stamps, tive a sensação de que estava atravessando as fronteiras do mapa e cairia sem medo da beirada do mundo. Nada mais poderia acontecer, pois, em Stamps, nada acontecia. (p. 112).

Em sua descrição dos ambientes nos quais passou a sua infância, a autora evidencia a desigualdade de condições entre os espaços ocupados na cidade pelos brancos e os negros, detendo-se naqueles com os quais tinha familiaridade, uma vez que pouco conhecia os lugares reservados aos brancos. A descrição da escola segregada em Stamps é bastante representativa. Maya Angelou começa a apresentá-la fazendo referência ao que lá faltava, para em seguida mostrar a sua precariedade:

Diferentemente da escola de ensino médio branca, a Lafayette County Training School se distinguia por não ter gramado nem cercas vivas, nem quadra de tênis nem hera nas paredes. Os dois prédios (salas de aula, a escola primária e a de economia doméstica) ficavam em uma colina de terra sem cerca para limitar seu terreno das fazendas próximas. Havia uma área ampla à esquerda da escola que era usada como campo de beisebol ou quadra de basquete. Aros enferrujados nos postes bambos representavam o equipamento permanente de recreação, embora tacos e bolas pudessem ser emprestados pelo professor de educação física se a

peessoa que fez o pedido tivesse prestígio para isso e o campo não estivesse ocupado (Angelou, 2018, p. 200).

Em sua adolescência, Maya e Bailey foram enviados de volta à casa da mãe, que, à essa altura, vivia na Califórnia. Mais uma vez, a mudança ocorreu por decisão dos adultos, à revelia dos irmãos. A avó deu diversas explicações verdadeiras, mas Maya sabia muito bem não se tratar de toda a verdade. A autora descreve a angústia de rever a sua mãe anos depois, ainda carregando o sentimento de culpa pela morte do Sr. Freeman, que acreditava ter causado. Ela escreve: “Eu estava tão despreparada para encontrar minha mãe quanto um pecador fica relutante em encontrar seu Criador”. Nos capítulos do livro que descrevem essa nova fase de transição e adaptação, desta vez acompanhada pela avó, Maya refere-se à vontade de regressar com a avó a Stamps, mesmo que seu irmão não a acompanhasse, à dificuldade de se identificar com as pessoas de seu entorno. Inicialmente residem em Los Angeles por aproximadamente seis meses, enquanto a mãe preparava a casa onde vivia em São Francisco para recebê-los. Sobre esse primeiro lar provisório, ela diz apenas: “Nós fomos para um apartamento, e dormi em um sofá que, à noite, se transformava milagrosamente em uma cama grande e confortável” (Angelou, 2018, p. 235). Quando sua avó comunica que regressará a Stamps, Maya e o irmão se ressentem:

Houve dias nebulosos de não pertencimento para Bailey e para mim. Era ótimo dizer que ficaríamos com nossos pais, mas, afinal, quem eram eles? Seriam mais severos com nossas travessuras do que ela? Isso seria ruim. Ou mais tranquilos? Isso seria ainda pior. Nós aprenderíamos a falar aquela língua veloz? Eu duvidava, e duvidava ainda mais de que descobriria do que eles riam tão alto e com tanta frequência (ANGELOU, 2018, p. 236).

Em seguida, passam “meses sombrios em um apartamento em Oakland”. É nesse período que a relação com a mãe começa a se transformar e isso ocorre já na viagem de carro para a cidade. Nas palavras da autora, “Nada poderia ter sido mais mágico do que finalmente tê-la encontrado e tê-la só para nós no mundo fechado de um carro em movimento” (Angelou, 2018, p. 237). Pouco depois, já no novo lar provisório, a mãe se aproxima deles um pouco mais, ao preparar uma “festa” durante a madrugada só para os dois. Sobre esse novo apartamento, ela registra que ele tinha uma banheira na cozinha e “era próximo o suficiente do Molhe da South Pacific a ponto de tremer com a chegada e partida de todos os trens” (Angelou, 2018, p. 237). Maya e Bailey frequentaram a escola, que ela não descreve, e também um “parquinho que tinha uma quadra de basquete, um campo de futebol e mesas de pingue-pongue embaixo de toldos” (Angelou, 2018, p. 238). Ela ainda registra que nesse período deixaram de frequentar a igreja e passaram a ir ao cinema aos domingos, indicando uma mudança significativa de costumes em seu entorno cultural.

Finalmente em São Francisco, no contexto do início da Segunda Guerra Mundial, quando a população japonesa rapidamente cedeu lugar a novos empresários negros vin-

dos do Sul, Maya Angelou descreve uma sensação nova, a de fazer parte do seu meio, embora de uma maneira paradoxal, que retoma o sentimento de estar fora do lugar, que atravessa a sua narrativa. Em suas palavras:

O ar de deslocamento coletivo, de impermanência da vida em tempos de guerra, e as personalidades deselegantes dos recém-chegados costumavam dissipar a minha sensação de não pertencimento. Em São Francisco, pela primeira vez, eu me vi como parte de alguma coisa. Não que me identificasse com os que tinham acabado de chegar, nem com os raros descendentes Negros de nativos de São Francisco, nem com os brancos e muito menos com os orientais, mas mais com a época e a cidade (Angelou, p. 245).

Contudo, as sensações de estranhamento, de não pertencimento não cessaram com a chegada da autora a São Francisco, ainda foram intensamente sentidas na escola de ensino médio próxima de casa, à qual ela não conseguiu se adaptar, apesar de suas boas notas. A transferência para uma nova escola, a George Washington High School foi bem-vinda, mas exigiu encarar diariamente o contraste entre os mundos negro e branco. Trouxe a necessidade de transitar diariamente para um mundo não familiar onde se situava a escola, a “uns sessenta quarteirões do bairro Negro”. Para alcançar os “lindos prédios” da escola, era preciso adentrar o outro mundo, representado pelo bairro branco onde viviam crianças ricas, que se mostravam mais seguras e mais agressivas, respondiam as perguntas dos professores com desenvoltura e apresentavam um vocabulário melhor do que a autora, que se decepcionou ao constatar que “não era a aluna mais brilhante, nem de longe” (Angelou, 2018, p. 250). Em face do sentimento de inadequação, a volta para casa era vivida como um retorno ao próprio mundo: “No fim da tarde, a caminho de casa, as sensações eram de alegria, expectativa e alívio ao ver a primeira placa que dizia CHURRASCO ou DROP INN ou COMIDA CASEIRA, ou os primeiros rostos negros nas ruas. Reconhecia que estava novamente no meu território” (Angelou, 2018, p. 250).

Como era caracterizada, nesse território, a casa da mãe, onde a autora passou a viver quando se mudou para São Francisco?

Morávamos em uma típica casa de quatorze cômodos da São Francisco pós-terremoto. Tivemos uma sucessão de pessoas alugando quartos, trazendo e levando seus sotaques diferentes, suas personalidades e comidas. Funcionários de pátio de ferrovia subiam pela escada (nós todos dormíamos no segundo andar, exceto mamãe e papai Clidell) com as botas com pontas de aço e chapéus de metal e abriam espaço para prostitutas com pó demais na cada, que riam pela maquiagem e penduravam as perucas nas maçanetas. Um casal (eles eram mestrandos de faculdade) tinham longas conversas adultas comigo na grande cozinha do térreo, até o marido ir para a guerra. Depois disso, a esposa, que era tão encantadora e disposta a sorrir, mudou para uma sombra silenciosa que quase nunca brincava pelas paredes. Um casal mais velho morou conosco por um ano, mais ou menos.

Eles eram donos de um restaurante e não tinham personalidade que encantasse ou interessasse uma adolescente, exceto pelo marido se chamar tio Jim e a esposa se chamar tia Boy. Nunca entendi isso. (ANGELOU, 2018, p. 254).

Os sentimentos de impermanência e deslocamento vivenciados pela autora durante a infância e percebidos na mudança para a cidade de São Francisco durante a guerra eram experimentados também no próprio lar, na convivência temporária com pessoas de diversos lugares, “trazendo e levando seus sotaques diferentes, suas personalidades e comidas”. A casa da mãe aparece na narrativa mais como um local de passagem do que como um espaço de intimidade. O mundo da autora, nos anos de sua adolescência, parecia expandir-se rapidamente, não apenas a partir do contato com as diversas pessoas que habitavam a casa, mas também por meio das relações de sociais de sua mãe e do namorado dela e dos lugares que passou a frequentar na companhia deles.

Nesse período, houve uma ocasião em que a autora foi passar as férias com o pai, no sul da Califórnia, onde ele morava. Novamente experimentou os sentimentos de deslocamento, inadequação e não pertencimento já vividos muitas vezes, os quais se intensificavam agora em razão da falta de entendimento com Dolores, a namorada do pai, que mantinha a casa – “um trailer nos arredores de uma cidade que já era arredores de cidade” em uma ordem e limpeza impecáveis (ANGELOU, 2018, p. 264). Num tal ambiente, Maya não conseguia se sentir à vontade, nem atender às expectativas de Dolores em relação à arrumação de seu quarto, o que criava uma atmosfera sempre tensa entre elas.

Ela se esforçou para fazer de mim uma coisa que pudesse aceitar razoavelmente. Sua primeira tentativa, que falhou completamente, teve a ver com minha atenção a detalhes. Ele me pediu, tentou me bajular e até mandou que eu arrumasse meu quarto. Minha disposição de fazer isso foi atrapalhada por uma ignorância abundante de como isso devia ser feito e uma dificuldade de manusear pequenos objetos. A cômoda no meu quarto era coberta de mulheres brancas de porcelana segurando sombrinhas, de cachorros de louça, de cupidos barrigudinhos e animais de vidro de todos os tipos. Depois de fazer a cama, varrer o quarto e pendurar as roupas, se e quando eu me lembrava de tirar o pó dos bibelôs, era certo que eu apertaria um deles demais e quebraria uma ou duas pernas ou seguraria com mão leve demais e os deixaria cair até se espatifar em pedacinhos (ANGELOU, 2018, p. 264).

As férias na casa do pai terminaram de forma tempestuosa, depois de um confronto com Dolores do qual a autora saiu ferida. Na impossibilidade de permanecer na casa do pai e de voltar à casa da mãe com um ferimento, o qual ela precisaria explicar e que provavelmente desencadearia mais violência, Maya decidiu escapar e, após vagar sem rumo pela cidade, abrigou-se em um ferro-velho para dormir. No dia seguinte descobriu que o lugar era ocupado por uma comunidade de pessoas um pouco mais velhas do que ela, que

viviam segundo suas próprias regras, e sobreviviam de pequenos serviços precários. Ela acabou passando um mês nessa comunidade, na qual foi aceita sem ser julgada. Avaliava essa experiência, que representa o ponto extremo das experiências de deslocamento e impermanência narradas no livro (mas desta vez desacompanhada do sentimento de inadequação),. Em suas palavras,

Depois de um mês, meus processos de pensamento tinham mudado tanto que eu mal me reconhecia. A aceitação inquestionável dos meus colegas afastou a insegurança familiar. Era estranho que as crianças sem-teto, o limo deixado pela guerra, pudessem me iniciar na irmandade dos homens. Depois de procurar garrafas íntegras e as vender com uma garota branca no Missouri, uma garota mexicana de Los Angeles e uma garota Negra de Oklahoma, nunca mais me senti tão verdadeiramente fora da cerca que envolvia a raça humana. A falta de crítica evidenciada por nossa comunidade improvisada me influenciou e criou um tom de tolerância na minha vida (ANGELOU, 2018, p. 292).

VERDADES VIVIDAS, VERDADES PARA VIVER

Se as autobiografias, e essa que se está examinando em especial, ensinam “como é crescer”, ensinam também o que se aprende no processo. E frequentemente o que se aprende a partir da experiência passa a constituir um conjunto de verdades vividas, que servem de referência para orientar as próximas decisões e os próximos passos. Essas verdades são pessoais, mas nem por isso deixam de ser compartilháveis. Embora não se possa reivindicar para elas uma validade universal, podem mesmo assim ser aproveitadas por outras pessoas, afinal não aprendemos apenas a partir das nossas próprias experiências, mas também nos beneficiamos das alheias. Se a escrita de uma autobiografia pode ser motivada pelo desejo de ensinar algo, a leitura de autobiografias pode ser um modo de encontrar um rico repositório de experiências e reflexões sobre a vida.

No livro *A hermenêutica do sujeito*, Foucault examina uma série de práticas de autoconhecimento exercitadas pelos antigos, desde Sócrates, passando pelos estoicos no início da era cristã. Dentre essas, refere-se à prática de recolher verdades nas leituras realizadas, com um propósito bem específico. A recomendação era de parcimônia e escolha criteriosa dessas verdades. Devia-se: “Primeiro, ler poucos autores, ler poucas obras, ler, nestas obras, poucos trechos” (!) e a partir dessas poucas leituras, selecionar “algumas passagens consideradas importantes e suficientes”. Para quê? Não para compreender o pensamento do autor, mas para formar para si mesmo “um equipamento de proposições verdadeiras, que seja efetivamente seu” (p. 431). Tais verdades eram registradas em uma espécie de livro de vida ou guia de conduta, no qual as pessoas cultas anotavam “citações de obras famosas, exemplos de conduta, reflexões, raciocínios”. Essas anotações eram designadas como *hypomnêmata* e correspondiam a uma “memória material das coisas lidas, escutadas ou pensadas, um tesouro acumulado para a releitura

e a meditação” (CASTRO, 2009, p. 221) Devia-se meditar sobre essas proposições verdadeiras, incorporá-las, de modo a estar preparado para agir adequadamente quando chegasse o momento, quando houvesse necessidade. Contudo, cabe esclarecer que, na modalidade de meditação recomendada pelos estoicos, não se tratava, como hoje, de esvaziar a mente, mas, pelo contrário, de refletir bem detidamente sobre uma verdade que se encontrou.

Na *meditatio*, (...) trata-se de apropriar-se de um pensamento, de dele persuadir-se tão profundamente que, por um lado, acreditamos que ele seja verdadeiro e, por outro, podemos constantemente redizê-lo, redizê-lo tão logo a necessidade se imponha ou a ocasião se apresente. Trata-se, portanto, de fazer com que a verdade seja gravada no espírito de maneira que dela nos lembremos tão logo haja necessidade, de maneira também a tê-la (...) à mão e, por conseguinte, a fazer dela imediatamente um princípio de ação. Apropriação que consiste em fazer com que, da coisa verdadeira, tornemo-nos o sujeito que pensa com verdade e, deste sujeito que pensa com verdade, tornemo-nos um sujeito que age como se deve. É neste sentido que se direciona o exercício de *meditatio* (Foucault, p. 429).

Os *hypomnémata* não se destinavam a ser um registro de citações interessantes para consulta eventual. Em vez disso, consistiam em um material para ser estudado, exercitado, praticado, objeto de meditação e de conversa consigo mesmo e com os outros. Deveriam ser lidos, copiados e relidos em voz alta com frequência, até serem verdadeiramente incorporados. O registro e o estudo dos *hypomnémata* correspondiam a uma prática de constituição de si mesmo.

Posso dizer que a leitura de Maya Angelou tem sido para mim uma fonte dessas verdades preciosas que é preciso selecionar, copiar, ler em voz alta e sobre as quais é preciso meditar profundamente, com o propósito de incorporá-las e transformá-las em princípios de conduta. Assim, eu gostaria de dizer algo do que já pude aprender com ela como uma aluna iniciante, que apenas começou a descobrir a sua obra. Para isso, busquei estruturar o que se segue de modo a apresentar alguns de seus ensinamentos mais difundidos e ilustrá-los com passagens do livro. Entre tantas belas verdades, decidi seguir a recomendação de ser parcimoniosa e selecionei apenas três.

“MINHA MISSÃO NA VIDA NÃO É APENAS SOBREVIVER, MAS PROSPERAR... E FAZÊ-LO COM ALGUMA PAIXÃO, COM ALGUMA COMPAIXÃO, ALGUM HUMOR E ALGUM ESTILO” (MAYA ANGELOU).

Essa verdade, que a autora toma para si - mas que, a meu ver, bem pode ser apropriada por quantas e quantos a considerem valiosa - me parece particularmente libertadora em nossa própria cultura, que ainda vê com desconfiança a intenção de prosperar entre as mulheres, e entre as professoras e fatalmente ainda mais entre as mulheres negras. Será

que não vivemos em uma cultura que, além disso, ainda afasta, como se fossem irreconciliáveis, a sobrevivência e o humor e a vaidade? Maya Angelou combina tudo isso em uma declaração deliciosa. O trecho do livro a seguir me parece evidenciar bem a atitude da escritora sintetizada nessa citação. Nessa passagem ela descreve um diálogo que teve com sua mãe quando era adolescente e inventou de arrumar o seu primeiro emprego:

À pergunta dela sobre o que eu pretendia fazer, respondi que conseguiria um emprego nos bondes. Ela rejeitou a proposta com: 'Não aceitam pessoas de cor nos bondes'.

Eu gostaria de alegar uma fúria imediata, seguida da nobre determinação de quebrar essa tradição de restrição. Mas a verdade é que minha primeira reação foi de decepção. Tinha me imaginado vestida com um terninho de sarja azul arrumadinho, a maletinha de troco pendurada na cintura, um sorriso alegre para os passageiros, o que tornaria seu dia de trabalho melhor.

Da decepção, subi gradualmente a escada emocional para a indignação arrogante e, finalmente, até o estado de teimosia em que a mente fica presa na bocarra de um buldogue furioso.

Eu trabalharia nos bondes e usaria um terno azul de sarja. Mamãe me deu apoio com um de seus apartes concisos de sempre: 'É o que você quer fazer? Então, nada supera uma tentativa, só o fracasso. Dê tudo de si. Já falei muitas vezes, 'Não consigo é como não ligo'. Nenhum dos dois vale nada.

Traduzindo, queria dizer que não havia nada que uma pessoa não pudesse fazer, e não devia haver nada para que um ser humano não ligasse. Foi o encorajamento mais positivo que eu podia desejar (Maya Angelou, p. 305).

Como o leitor pode imaginar, ela conseguiu. Mas apenas depois de passar várias semanas saindo de casa pela manhã como se já tivesse conquistado o emprego, apenas para frequentar por horas a fio a sala de espera da companhia Market Street Railway Company, até que finalmente teve acesso aos formulários de candidatura ao emprego, depois de precisar inventar um conjunto de mentiras e meias verdades no seu preenchimento e depois de passar por uma bateria de testes médicos e psicológicos. Só então ela foi enfim contratada como a primeira Negra nos bondes de São Francisco, trabalho ao qual se dedicou por um semestre, até o início das aulas, na primavera, quando retomou sua educação formal. Sobre os efeitos dessa experiência, ela relata:

Estava tão mais sábia e tão mais velha, tão mais independente, com conta bancária e roupas que eu mesma tinha comprado, que tinha certeza de que tinha aprendido e conquistado a fórmula mágica que me tornaria parte da vida alegre que meus contemporâneos tinham (ANGELOU, 2018, p. 310).

Logo ela descobriria que não era bem assim, ao ingressar na escola nova.
Mas eis outra verdade preciosa para viver, elaborada por Maya Angelou:

“FAÇA O MELHOR QUE VOCÊ SABE, ATÉ QUE VOCÊ SAIBA MELHOR. ENTÃO, QUANDO VOCÊ SOUBER MELHOR, FAÇA MELHOR” (MAYA ANGELOU).

A determinação de ser excelente se manifesta em várias passagens do livro e em outros textos e entrevistas da autora. Maya Angelou tinha uma avó exigente, ela e seu irmão dedicavam-se intensamente a decorar a tabuada e a aprender bem as suas lições, por medo de serem castigados. No capítulo em que descreve a sua formatura na escola negra do Arkansas, ela conta a sua admiração pelo melhor aluno da turma, o único que a ultrapassava:

Louise e eu tínhamos ensaiado os exercícios até ficarmos exaustas. Henry Reed era o orador da turma. Ele era um garoto pequeno e muito escuro com pálpebras caídas, um nariz comprido e largo e uma cabeça com formato estranho. Eu o admirei por anos porque a cada período ele e eu brigávamos pelas melhores notas na nossa turma. Na maioria das vezes, ele me superava, mas, em vez de ficar decepcionada, eu ficava satisfeita de compartilharmos os melhores lugares. Como muitas crianças Negras do sul, ele morava com a avó, que era tão rigorosa quanto Momma e tão gentil quanto ela sabia ser. Ele era cortês, respeitoso e falava com gentileza com os idosos, mas no parquinho escolhia as brincadeiras mais violentas. Eu o admirava. Acho que qualquer um suficientemente com medo ou suficientemente estúpido podia ser educado. Mas conseguir operar no melhor nível com adultos e crianças era admirável (p. 203-204).

Mais tarde, quando já não havia razão para ter medo, ela passou a procurar fazer as coisas sem tanta preocupação com o julgamento alheio, mas de modo a se sentir satisfeita consigo mesma. Por outro lado, também precisou enfrentar o descrédito que tantas vezes pesou sobre ela por ser uma mulher negra, o que, segundo seu depoimento em uma entrevista, lhe impôs a necessidade de estar sempre dez vezes mais bem preparada do que os seus concorrentes. Isso de maneira nenhuma significa que ela se resignava a esse estado de coisas sem reagir às injustiças, pelo contrário. Em vários episódios narrados no livro, a autora descreve atos de coragem, como quando ela deixou propositalmente cair e quebrar as xícaras preferidas de sua patroa como forma de reagir a uma afronta, quando essa patroa, por sugestão de uma amiga, resolveu chamá-la de Mary, apenas porque lhe parecia que seu verdadeiro nome, Marguerite, era comprido demais.

A propósito da coragem, outra verdade para viver repetida por Maya Angelou era a seguinte:

“CORAGEM É A MAIS IMPORTANTE DE TODAS AS VIRTUDES, PORQUE, SEM ELA, NÓS NÃO PODEMOS PRATICAR NENHUMA OUTRA VIRTUDE COM CONSISTÊNCIA” (MAYA ANGELOU).

No mesmo capítulo sobre a sua formatura, talvez o mais emocionante do livro, a autora relata como o colega impecável mencionado anteriormente, o orador da turma, após

proferir o seu discurso, quebrou corajosamente o protocolo ao virar-se de costas para a plateia, voltar-se para os colegas e começar a cantar o poema de James Weldon Johnson musicado por Rosamond Johnson, que todos eles conheciam de cor desde pequenos, e que representava o hino nacional negro. O colega tomou essa atitude em resposta ao discurso eivado de preconceitos que havia sido dirigido aos formandos momentos antes, por um homem branco, uma autoridade do sistema de ensino, que viera fazer o discurso oficial na solenidade. Os efeitos desse discurso sobre os jovens negros que haviam estudado por anos e se preparado durante vários meses para aquele momento especial, foram assim descritos por Maya Angelou (2018, p. 210):

As palavras mortas do homem caíram como tijolos por todo o auditório, e muitas se acomodaram na minha barriga. Restringida pelos bons modos que aprendi a tanto custo, não pude olhar para trás, mas à minha esquerda e à minha direita, a orgulhosa turma de formandos de 1940 tinha baixado a cabeça.

Então, quando as suas esperanças de futuro pareciam arruinadas, o inesperado ato de coragem do colega admirado reverteu a situação. Depois que ele terminou, acompanhado pelos colegas e toda a plateia, que formaram coro com ele, o que aconteceu, nas palavras da autora, foi que

Estávamos no topo de novo. Como sempre, de novo. Nós sobrevivemos. As profundezas eram geladas e escuras, mas agora um sol forte iluminava nossas almas. Eu não era mais só uma integrante da orgulhosa turma de formandos de 1940; eu era uma integrante orgulhosa da maravilhosa e linda raça Negra (p. 215).

Como eu procurei mostrar nesta seção, os escritos de Maya Angelou são fontes de verdades profundas, as quais vale a pena ler e copiar, reler e decorar, meditar e exercitar. Pelo pouco que eu já pude apreender, quando se trata dessa autora o maior desafio é exercitar a parcimônia na escolha de verdades preferidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, procurei apresentar uma reflexão sobre o valor das narrativas autobiográficas para a compreensão do desenvolvimento humano a partir da análise de alguns elementos contidos no primeiro livro autobiográfico de Maya Angelou, *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*. Depois das considerações teóricas iniciais a propósito da questão das verdades contidas nas teorias psicogenéticas e nas autobiografias, relatei o modo como os estudos da autora despertaram o meu interesse. Em seguida, minha análise privilegiou as memórias da autora relacionadas aos ambientes nos quais se sucedeu a sua infância no contexto de segregação racial na primeira metade do século XX nos Estados Unidos.

A escolha de focalizar o ambiente não foi fortuita, mas motivada pela intenção de problematizar os discursos normativos da psicologia do desenvolvimento acerca das influências do meio no desenvolvimento das crianças. A esse respeito, cabe observar que em nenhum período de sua infância, Maya Angelou e seu irmão foram criados em uma família nuclear ou ocuparam o centro das preocupações de seus pais. Por outro lado, sempre houve quem se responsabilizasse por atender as suas necessidades básicas de proteção, alimento, vestuário e educação, as quais foram providenciadas de maneiras diversas conforme as condições de vida, convicções e personalidade dos familiares que se alternaram no encargo de seus cuidados e educação. Aos três e quatro anos eles foram enviados por seu pai para viver em outro estado sob os cuidados da avó paterna, a proprietária e responsável pelo mercado central que abastecia o bairro Negro da cidade de Stamps. A mãe se revelou inábil em cuidar deles em sua primeira infância, ela e o pai não estavam por perto e não mantiveram contato com as crianças por um longo período. Elas viviam sob a proteção, os cuidados e o rigor religioso da avó. Cresceram participando do movimento do Mercado, ambiente vivo que ocupava o centro de sua comunidade, onde puderam testemunhar as condições de vida e de trabalho de seu povo, além de integrar-se a essa vida por meio da realização de suas próprias tarefas, da frequência à escola e à igreja segregadas. A integração à vida da comunidade, contudo, não era plena, mas atravessada por sentimentos de inadequação, impermanência e não pertencimento. Esses sentimentos atravessam a narrativa, mesmo nas ocasiões em que Maya e seu irmão passam a viver com a mãe, a quem admiram, mas com quem demoram a estabelecer relações de familiaridade.

Os ambientes em que se sucedeu a infância de Maya Angelou e seu irmão não correspondem ao ambiente familiar apropriado, tipicamente subentendido nas teorias psicogenéticas. Também não eram o avesso disso, ambientes insalubres, inseguros e imorais, onde as crianças eram negligenciadas e viviam à mercê de adultos irresponsáveis, tipicamente supostos pelos especialistas quando se procura compreender as condições de vida das crianças consideradas como “problemas” ou “em risco”. Em vez disso, eram ambientes multifacetados, formados pelo conjunto de circunstâncias reais e singulares que acompanharam o seu crescimento, incluindo as condições de vida dos negros vivendo no contexto de segregação racial dos Estados Unidos, assim como a posição social as crenças, os valores específicos que formavam as personalidades dos seus familiares.

A narrativa em *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola* descreve com honestidade as dificuldades e os perigos enfrentados pelas meninas negras em seu processo de crescimento, a partir do relato das experiências sofridas pela autora. Mas, se apresenta as grades da gaiola que as aprisiona, mostra também os vãos entre as barras, na forma das situações, dos acontecimentos e dos encontros, às vezes imprevistos, que criaram a oportunidade de desafiar os limites impostos e expandir o próprio campo de atuação, de realização, de liberdade.

REFERÊNCIAS

- ANGELOU, Maya. **Eu sei por que o pássaro canta na gaiola**. Bauru: Astral Cultural, 2018.
- ANGELOU, Maya. In **Escritoras e a arte da escrita**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.
- CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 20^a. ed., São Paulo: Loyola, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7^a. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- GOULD, Stephen Jay. **A Falsa Medida do Homem**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GOUVÊA, Maria Cristina Soares; GERKEN, Carlos Henrique de Souza. **Desenvolvimento Humano**: história, conceitos, polêmicas. São Paulo: Cortez, 2010.
- WALKER, Pierre. Racial Protest, Identity, Words, and Form in Maya Angelou's I Know why the caged bird sings. In **College Literature**. The Johns Hopkins University Press/JSTOR, 2021, p. 91-108.
- XAVIER, Felipe Fanuel. Em nome de Maya Angelou. In **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis, 27 (3) e 58624, 2019.